

TODAS AS FLORES DO FUTURO

Personagens:

Marcos

Carla

Marta (Irmã de Marcos)

Psicóloga

Mãe de Marcos

Pai De Carla

Mãe De Carla

Autor: Lúcio Silveira

ACTO 1

Vê-se uma mesa, duas cadeiras uma em frente à outra e alguns enfeites por cima da mesa.

CENA 1

Marcos está sentado em uma das cadeiras com o braço apoiado em uma mesa com um envelope em suas mãos. Do outro lado da mesa está a mãe de Marcos sentada.

Mãe de Marcos: Vai logo filho! Abre o envelope.

Marcos: Devíamos esperar mais um pouco, não achas mãe?

Mãe de Marcos: Ekatava! Okó! (Muxoxos)

Marcos: Está bem mãe, vou abrir. (Abre o envelope)

Mãe de Marcos: Então? (Marcos baixa a cabeça e transborda tristeza)

Mãe de Marcos: Não fica assim meu filho! (Levanta de sua cadeira e corre até a de Marcos em seguida abraça-o por trás)

Marcos: Meu fígado não está a melhorar, mamã! (Profere tais palavras em meio aos choros)

Mãe de Marcos: Omolângue! Não chora meu amor.

Marcos: Eu só queria mais tempo mãe! Mais tempo ao teu lado e ao lado da Marta. (Ainda em meio aos choros) Eu só queria poder viver mais.

Mãe de Marcos: Você vai viver meu filho! Não volta a repetir isso!

Marcos: A inflamação no fígado é viral mamã, não tem cura.

Mãe de Marcos: Eu confio em Nzambi Mpungu e para ele o impossível não existe meu filho. Eu oro por você todos os dias e eu não vou parar até você estar curado.

Marcos: Este exame aqui só mostra o quão grave está a minha situação, manã. (Mostra o exame para a mãe)

Mãe de Marcos: Eu não me importo com o que o exame diz meu filho. Nzambi transcende o que está escrito nesse pedaço de papel. (Recebe e amarrota, em seguida volta a sentar na sua cadeira e respira fundo enquanto olha para Marcos)

Marta entra em cena, caminha até a mesa em que está sua mãe e seu irmão.

Marta: Boa noite família! (Sorridente) Por que ninguém me responde, o que aconteceu? (Confusa a olhar para os dois) Por que estás com a mão na cabeça mamã?

Mãe de Marcos: Os resultados do teu irmão saíram. (Ainda com a testa apoiada nas palma da mão e esta por sua vez está com o cotovelo apoiado na mesa)

Marta: Meu Deus! (Espantada) O que saiu nos resultados?

Marcos: O mesmo de sempre. Eu estou a morrer mana.

Marta: Não fala isso Marcos!

Marcos: É a verdade mana, vou fazer mais como? Não vês que a mamã até já estava a chorar?

Mãe de Marcos: Eu estava a chorar porque você tem pouca fé meu filho!

Marta: Você precisa pensar positivo!

Marcos: Sabem o que eu realmente quero?

Marta: O quê?

Marcos: Parar de pensar nessas coisas ruins e aproveitar o pouco tempo que tenho.

Marta: Você ainda tem muito tempo.

Marcos: Não tenho, mas vamos fingir que eu tenho mana. Eu quero apenas aproveitar os momentos curtos da vida, afinal ela é muito linda para eu despediçar com momentos tristes como este que estamos a ter agora.

Mãe de Marcos: A vida é uma escola, filho. Você ainda tem muito que aprender com ela.

Marcos: Você diz sempre isso mãe. (Sorri)

Marta: Então que tal sairmos? Isso pode te fazer esquecer um pouco tudo isso.

Marcos: Só se for para o meu lugar favorito.

Marta: Pode ser, você é quem manda.

Mãe de Marcos: Eu vou ficar em casa, preciso começar minhas orações.

Marcos: Mas não fica acordada até tarde mamã, isso pode te prejudicar.

Levanta da cadeira e junto da sua irmão saem de cena

CENA 2

Vê-se uma secretária, e duas cadeiras. Uma na parte de trás da secretaria e outra na parte de frete. Na primeira está sentada a psicóloga com uma caderneta e uma caneta em suas mãos, na segunda vê-se sentada Carla.

Psicóloga: Como você está a se sentir, Carla?

Carla: Nada mudou. (Cabisbaixa)

Psicóloga: Você tem tomado os antidepressivos?

Carla: Não! (Cabisbaixa)

Psicóloga: Não tem tomado. (Aponta na caderneta com a sua caneta) Por que? (Olha para Carla)

Carla: Quantas vezes a doutora já me receitou isto? Não adiantou nada.

Psicóloga: Não podes achar que isso vai passar da noite pro dia, leva tempo.

Carla: O tempo é o pior inimigo de um depressivo.

Psicóloga: Por que achas isso?

Carla: Quanto mais tempo eu tenho, mais sufocada eu me sinto. É como se...(Hesita e respira fundo) É como se eu precisasse parar de respirar para realmente respirar, entendes?

Psicóloga: Eu quero ouvir mais, me fala mais sobre isto.

Carla: Eu realmente estou cansada, acho que não aguento mais.

Psicóloga: O que te faz achar isso?

Carla: Toda vez que eu olho para minha mãe, para o meu quarto, o episódio mais traumático da minha vida volta em meus pensamentos.

Psicóloga: Vamos fazer um exercício. (Aponta mais uma vez na cederntea) Conta para mim o que aconteceu naquela noite mais uma vez.

Carla: Mas eu já contei para a doutora.

Psicóloga: Tal como eu disse, é apenas um exercício.

Carla: Entendo. (Suspira) Foi na noite de quinta feira, há dois anos atrás. O pior ano da minha vida. Ou como eu gosto de chamar: o ano em que morri. Eu vivo patriota, nos arredores do Benfica. É um lugar calmo, nunca foi perigoso para mim, estava em casa a assistir televisão quando ouvi os cães a ladrarem no quintal. Estava apenas eu dentro de casa. Meus pais haviam saído em viagem. Olhei para a janela e vi pessoas a saltarem o portão, eram homens armados. Eles invadiram a casa, balearam os cães e entram na sala. Um deles me perguntava onde estava o dinheiro! Eu não tinha a resposta. Enquanto ele perguntava o outro vasculhava a casa toda! Ele se aproximou de mim e me bateu várias vezes seguidas! Apontou a arma na minha cabeça depois de eu ter caído para o chão e continuou a perguntar onde estava o dinheiro! Eu não tinha a resposta para aquela pergunta! Eu não sei o que... o que... (Gagueja enquanto tenta falar) O que eles queriam. Foi aí que ele... ele... (Choros) ele começou a massagear meus seios! (Choros) Minhas pernas! E quando dei por mim... eu... eu estava a ser estuprada (Choros) ele dizia que já que eu não tinha como lhes dar o dinheiro eu daria outra coisa! Desculpa... eu não consigo continuar a lembrar doutora. (Limpa as lágrimas com as costas das mãos)

Psicóloga: É claro. Você está no seu direito.

Carla: Eu não consigo me olhar no espelho durante cinco minutos desde aquele dia, eu não consigo gostar de mim, sinto nojo do meu próprio corpo.

Psicóloga: Você está com baixa autoestima. (Aponta na caderneta)
Quantas vezes você já tentou suicídio? Eu nunca te fiz esta pergunta, mas agora estamos em um nível em que preciso ser mais directa.

Carla: Duas.

Psicóloga: Como foi?

Carla: Eu fui ao mar, sozinha. Me joguei para dentro dele e me esforcei para não sair. Eu queria continuar lá em baixo até o ar parar de lutar para sair. Só me lembro de ter acordado na cama do hospital com meus pais do meu lado. Eles me disseram que meus pulmões haviam enchido de água do mar mas os médicos fizeram todos os possíveis para me salvar e deu certo.

Psicóloga: Como você saiu do mar?

Carla: Disseram que um pescador me salvou, eu infelizmente não lembro mesmo de nada.

Psicóloga: E eles descobriram que você tentou tirar a própria vida?

Carla: Não! Eu disse para eles que me descuidei e não notei que o lugar em que estava a banhar era fundo de mais.

Psicóloga: E quanto a segunda vez?

Carla: Na segunda vez eu estava em casa. Amarrei uma corda na parte de cima do meu quarto, ajustei um banco, subi nele e amarrei a corda em volta do meu pescoço.

Psicóloga: O que aconteceu a seguir?

Carla: Eu estava lá, estagnada e sem conseguir respirar com aquela corda a me sufocar. Eu podia ver a morte de perto a chamar pelo meu nome e a minha vida passar pelos meus olhos. Eu queria muito abraçar ela. Mas naquele exacto momento minha mãe entrou no quarto e me salvou. Depois daquilo eles me mandaram para cá.

Psicóloga: Você ainda quer tirar a própria vida?

Carla: Quero e não quero.

Psicóloga: Como assim?

Carla: Na verdade, nenhum depressivo quer morrer. Apenas queremos nos sentir aliviados. Entendes doutora?

Psicóloga: Claro que eu entendo. Mas você não deveria ver a morte como um alívio. Poderias achar alívio em outra coisa.

Carla: Eu já tentei em outras, não dá. A única coisa que ainda não experimentei foi a morte. Depois de ter tentado duas vezes me suicidar e não deu certo... eu fiquei triste, pois descobri que nem a morte me quer.

Psicóloga: Mas isso está fora de questão.

Carla: Eu sei.

Psicóloga: Eu irei receitar mais alguns antidepressivos, desta vez vou recitar mais fortes que os que receitei da vez passada. (Aponta na caderneta e em seguida arranca uma folha e entrega para Carla) Você precisa sair mais! Passear! Para de se trancar em casa, ou até mesmo procura passear em casa de suas tias. Isto vai ajudar muito.

Carla: Farei isso, de certeza.

Psicóloga: Até a próxima sessão.

Carla: Até. (Se levanta e sai de cena.)

CENA 3

Vê-se um homem por detrás de um barraca de gelado no fundo do palco. Vê-se um assento largo na parte de frente do palco. Por cima, enfeites de estrelas e a lua amarrados à parte superior da sala do teatro que simboliza a noite. No assento largo está Carla sentada com uma lâmina de comprimidos na mão que ela coloca frente ao seu rosto e olha sem parar para ele, está vestida de uma camisa de mangas compridas, em seu pulso dá para ver ligeiramente sinais de cortes, frente a barraca de gelado está Marcos e sua irmã Marta.

Marta: Vais comprar qual sabor?

Marcos: Hum? (Distraído a olhar para Carla)

Marta: Nem etás a me prestar atenção, viste o quê nesta moça? (Vira seu rosto para Carla também)

Marcos: Aquele comprimido na mão dela, não é...

Marta: É aquele comprimido que usavas para tua respiração ficar estável quando eras mais pequeno.

Marcos: Sabutámol! Acho que é esse o nome. Quando eu tomava meu coração parecia que iria parar de bater.

Marta: Lembras do dia que a tua falta de ar estava grave e tomaste dois?

Marcos: Nem me lembres, quase morri. Perdi as forças, coração batia lento e as mãos ficavam trémulas.

Marta: Se calhar ela também tem o problema de saúde que tu tinhas.

Marcos: Vou ir lá descobrir.

Marta: É para descobrir ou gostaste de outras coisas que viste?

Marcos: Mana! Não começa.

Marta: Eu sei que estás a ir com outras intenções.

Marcos: Mana!

Marta: Tá bom! Tá bom! (Diz-lo com as mãos ao ar) Já não está aqui quem falou.

Marcos: Obrigado yah!

Marta: Olha mas eu não vou ficar aqui a segurar vela. Vou voltar para casa. (Baixa os braços)

Marcos: Te encontro lá daqui a nada.

Marta: Não demores!

Marcos: Combinado.

Marta paga um gelado e em seguida sai de cena, Marcos caminha até o assento em que está Carla.

Marcos: Olá! Boa noite.

Carla: Boa noite! (Atrapalhada esconde os comprimidos no bolso)

Marcos: Posso sentar-me aqui do lado? (Aponta para o lado esquerdo do acento)

Carla: Sim, claro.

Marcos: Moça desculpa ser intrometido, tens problemas respiratórios? (Senta finalmente)

Carla: Eu? Não! Por que a pergunta?

Marcos: Os comprimidos que tinhas na mão, eles ajudam a facilitar o processo de respiração. Eu usava quando sofria disto.

Carla: Sofrias, já não sofres?

Marcos: Não! A vida adulta me deu problemas maiores.

Carla: Nem me fales!

Marcos: Então para que o usarias?

Carla: Não são meus, comprei para minha mãe.

Marcos: Estava mesmo a pensar nisso, quer dizer. És muito jovem para ter problemas respiratórios.

Carla: Disse o jovem que teve problemas de respiração quando era pequeno.

Marcos: Tens razão (Solta uma ligeira risada)

Carla: Carla, meu nome é Carla. (Estende a mão na direcção de Marcos)

Marcos: Marcos, meu nome é Marcos. (Aperta a mão dela)

Carla: Então, de onde és?

Marcos: Eu sou de... (Olha para o relógio em seu pulso) Nossa! Já passam das vinte e uma! (Assuta-se)

Carla: Não precisavas assustar, Marcos.

Marcos: Desculpa é que está na hora dos meus remédios, eu preciso ir.

Carla: Entendo, bom... foi um prazer.

Marcos: O prazer foi meu. Já agora, antes que eu me arrependa...

Carla: O que foi?

Marcos: Podes me passar o teu contacto telefonivo .

Carla: Claro que posso.

Marcos: Podes apontar aqui: (Entrega seu telefone, Carla recebe)

Carla: Aqui está. (Entrega depois de apontar)

Marcos: Obrigado Carla. Nos vemos por aí.

Carla: Nos vemos por aí.

ACTO 2

Depois de ter conhecido Marcos, Carla volta para sua casa. Não que ela desistiu de tirar a vida, apenas adiou pois Marcos apareceu como um ladrão em sua vida.

CENA 1

Vê-se uma mesa com duas cadeiras no lado direito do palco, objectos de enfeites na mesa e um pano branco sobre ela. Este cenário representa a sala. No lado esquerdo vê-se uma cama, cobrida com lençóis brancos e almofadas do mesmo feitio. Carla entra em cena, ajusta alguns dos enfeitos na mesa de forma a organizar. Em seguida vai até o quarto, senta na cama e tira o comprimido do bolso.

Mãe De Carla: Filha! (Grita ao entrar em cena)

Carla: Já vou mãe! (Levanta do quarto e corre até a cozinha)

Mãe De Carla: O que a doutora disse? (Pergunta e senta logo de seguida)

Carla: Nada de especial. (Senta na cadeira)

Mãe De Carla: Você está mesmo bem, filha?

Carla: É mesmo verdade o que estou a dizer.

Mãe De Carla: Está bem, filha. A doutora sugeriu remédio?

Carla: Sim! Ainda não comprei mas vou já comprar.

Entra o pai em cena, com uma pasta em sua mão, veste um fato social preto com sapatos de couro e uma gravata vermelha.

Pai De Carla: Boa noite! (Dá um beijo na testa de sua mulher)

Mãe De Carla: Chegaste cedo hoje.

Pai De Carla: O trabalho não foi muito apertado. (Desprende um pouco a gravata de seu pescoço)

Mãe De Carla: Isso é bom, assim temos mais tempo de ficar juntos em família.

Pai De Carla: E tu, querida? (Olha para Carla) Como foi lá com a doutora?

Carla: Foi muito bem, pai. (Disfarça um sorriso)

Pai De Carla: Quer dizer que estamos a ter melhorias?

Carla: Muitas! (Disfarça outra vez)

Pai De Carla: Finalmente uma boa notícia!

Mãe De Carla: Eu também acho. (Sorri)

Carla: Eu vou ficar um pouco sozinha no quarto.

Pai De Carla: Mas a doutora da última vez havia dito para não ficares muito tempo sozinha, para não te isolares dos teus familiares querida.

Carla: Eu sei, mas eu preciso ficar um pouco só.

Mãe De Carla: Não acho boa ideia!

Pai De Carla: Pará de se fechar nos quartos, filha.

Carla: É menos doloroso lá dentro que aqui com vocês! (Resmunga)

Pai De Carla: Como assim?

Carla: Vocês querem mesmo saber? (Ouve-se um tremor em sua voz)
Então eu vou dizer, eu não consigo ficar perto de vocês por mias de trinta minutos. Vocês me fazem lembrar o pior dia da minha vida! Essa sala me faz lembrar o pior dia da minha vida! Tudo nessa casa me faz lembrar aquele dia! Vocês estão sempre a dizer “Estás a melhorar?” e eu estou a ser obrigadaga sempre a responder “Estou bem!” Quando na verdade eu não estou bem! Eu não estou nada bem! (Respira fundo depois de tanto gritar) Posso ir para o meu quarto? (Voz baixa e cansada)

Pai De Carla: Vai filha, tens todo o direito. (Emociona-se)

Mãe De Carla: Sim, podes ir! (Agarra forte as mãos do marido e prende o choro)

CENA 2

Vê-se uma mesa, duas cadeiras uma em frente da outra e alguns enfeites por cima da mesa. Marcos está sentado na cadeira à esquerda com o telefone na mão e as pernas agitadas. Marta está sentada na outra cadeira perto da mesa e a mãe de Marcos está com uma vassoura a varrer a sala.

Marta: Vais só apanhar ataque, liga para a moça.

Marcos: Não quero parecer invasivo demais, nos conhecemos ontem.

Mãe De Marcos: Okó! Suco ya ngue! Isso tem o quê a ver? (Pará de varrer e abana a cabeça negativamente, volta a varrer logo em seguida) nem no meu tempo era assim yah!

Marcos: Não precisas falar assim, mãe.

Mãe De Marcos: Orroh! Vou falar mais como?

Marta: É verdade! (Cai na gargalhada)

Marcos: Vocês não ajudam yah!

Marta: Liga! Ou eu ligo no teu lugar.

Marcos: Tá bem, vou ligar. (Disca o número e leva o telefone a orelha)

Marta: Mamã controla teu filho, vai gaguejar. (Sorrir)

Mãe De Marcos: Tchabalama! Deixa teu irmão em paz. (Sorri de volta e continua a varrer)

Marcos: Alô! Boa noite. Posso falar com (Gagueja) com (Gagueja) Com a Carla?

Marta solta uma gargalhada logo em seguida.

Marcos: Também estou bem e tu? (Uma pausa) Ok! Chegaste bem da última vez? (Uma pausa) eu também cheguei, obrigado. Como está a tua família toda? (Uma pausa e ouve o outro lado da linha) A minha também está bem, obrigado. Na verdade, eu liguei para saber se gostarias de sair para passear um pouco? (Uma pausa) podemos ir para o mesmo lugar em que nos conhecemos, o

que achas? (Outra pausa) sério? Nossa! Então está combinado. Encontro você lá.
(Desliga o telefone)

Marta: Parece que alguém tem um encontro!

Mãe De Marcos: Só não demora, tem muitos bandidos por aí. (Pará de varrer finalmente) não beba bebidas alcoólicas, nem gasosa por causa do fígado.

Marta: Mãe! (Repreende)

Mãe De Marcos: Eu só estou a cuidar dele.

Marta: Temos que lembrar para ele sempre que ele é doente?

Marcos: Não se preocupem. (Sorri levemente) isso é algo que não tem como eu me esquecer.

Mãe De Marcos: Desculpa, filho. A vida é uma escola, até eu aprendo com ela.

Marcos: Lá vem você me dizer mais uma vez que a vida é uma escola!
(Sorri) eu sei que apenas estás a dizer estas coisas para o meu bem. Não te preocupes que vou me cuidar, afinal. Quanto mais eu me cuidar mais tempo com vocês eu tenho e isto é tudo que eu mais quero.

CENA 3

Vê-se um homem por detrás de um barraca de gelado no fundo do palco.
Vê-se um assento largo na parte de frente do palco. Por cima, enfeites de estrelas e a lua amarrados à parte superior da sala de teatro que simboliza a noite. Marcos e Carla caminham até o assento de mãos e sentam nela.

Carla: Eu amo o céu quando a noite chega.(Olha para cima)

Marcos: É uma pena as estrelas não poderem ver o que nós humanos vemos daqui, o brilho intenso dela.

Carla: Eu discordo, elas vêem tal brilho. Somos nós.

Marcos: Como assim, nós?

Carla: Para as estrelas no céu, nós somos estrelas na terra.

Marcos: Acho que agora eu vou concordar com você.

Carla: Não tens muitas escolhas. (Sorri)

Marcos: Não tenho mesmo. (Sorri de volta)

Carla: Então... me fale mais sobre você.

Marcos: O que desejas saber?

Carla: Tudo.

Marcos: Isso é muita coisa.

Carla: Tá bem, me diz por que me chamou para sair. Você viu um remédio em minha mão e do nada achou-me interessante?

Marcos: Não! Eu vi mais do que isso.

Carla: Como assim?

Marcos: Eu vi os cortes no teu pulso enquanto seguravas a lâmina de comprimidos.

Carla: Você?

Marcos: Não quero ser intrometido, mas eu achei que seria interessante conversarmos.

Carla: Por que? Você quer saber muito da minha vida.

Marcos: Não! Longe de mim.

Carla: Então por que queres conversar?

Marcos: Porque nós os dois somos opostos um do outro e podemos aprender muito sobre essa coisa chamada vida, juntos.

Carla: Tá! Eu sofro de depressão, eu já tentei suicídio, feliz?

Marcos: Eu estou com uma inflamação no fígado e meu último teste dizia que é só uma questão de tempo até eu morrer.

Carla: Me desculpa. Eu não sabia! (Triste e com vergonha)

Marcos: Nós os dois temos problemas e eles são bem distintos um do outro.

Carla: Por que?

Marcos: Porque eu quero viver mas estou a morrer, enquanto que tu queres morrer mas a vida ainda te quer.

Carla: Por que você insistiria em ficar nesse mundo? Sério! Só há pessoas ruins nele.

Marcos: O mundo é ruim por existirem pessoas nele, mas é belo pelo mesmo motivo. (Sorri) mas respondendo melhor a tua pergunta, eu quero viver porque almejo todas as flores do futuro.

Carla: Todas as flores do futuro? (Confusa)

Marcos: Sim.

Carla: O que isto é?

Marcos: Sabe aqueles momentos da vida que nós ainda não tivemos? Aquele abraço da pessoa que mais amamos, aquele sorriso da criança que ainda não nasceu, aquele “Eu te amo” vindo de uma mãe, aquele aperto de mão de boas vindas e aquele olhar de despedida... estas são todas as flores do futuro. Eu quero muito viver para ter elas em minhas mãos.

Carla: Entendo, deve ser fácil para você. Para mim pelo menos, eu sinto que estas flores murcharam.

Marcos: Impossível, elas são intactas. Nunca murcham a não ser que percas a esperança nelas.

Carla: Eu não vejo estas flores em minha futura vida.

Marcos: Porque estás presa à tua vida passada. (Silêncio)

Carla: Eu sei, mas não é tão fácil assim se desligar do passado.

Marcos: Você disse que para as estrelas no céu, nós somos estrelas na terra. Será que as estrelas no céu vêem você como uma? Ou para elas és apenas escuridão em meio a terra estrelada?

Carla: É isso, a minha estrela se apagou.

Marcos: Então acenda ela de volta.

Carla: Você nem sabe pelo que passei.

Marcos: É isso, não preciso saber do teu passado quando eu quero que olhes para o futuro.

Carla: Nós poderíamos trocar de lugar.

Marcos: Por que?

Carla: Porque eu não quero viver, mas você quer.

Marcos: Eu não aceitaria.

Carla: Achei que querias viver mais.

Marcos: Do que adiantaria? Estar vivo no corpo e morto na mente é o mesmo que estar morto.

Carla: Acho que você tem razão. (Puxa o telefone do bolso) é a minha mãe, infelizmente eu preciso ir.

Marcos: Sem problemas.

Carla: Espero voltar a ver você em breve.

Marcos: Aí está! Você acabou de criar uma flor para o teu futuro.

Carla responde com um sorriso e a cena termina.

ACTO 3

Depois do encontro, passaram-se três dias, Carla sempre esperou a ligação de Marcos durante estes três dias mas não as teve. Ela queria voltar a ver ele, nem com sua psicóloga ela tivera tido aquele envolvimento por meio de palavras.

CENA 1

Vê-se uma mesa com duas cadeiras no lado direito do palco, objectos de enfeites na mesa e um pano branco sobre ela. Carla está em pé na sala com o telefone em suas mãos, sua mãe está sentada na cadeira perto a mesa.

Mãe De Carla: Teu pai está a demorar muito hoje.

Carla: Deve estar ocupado com o trabalho mamã. (Anda a volta do palco)

Mãe De Carlas: E estás assim bem agitada por que?

Carla: Nada memo mamã.

Mãe De Carla: Pareces até eu antes de dar a luz.

Carla: Mamã, não começa.

Mãe De Carla: Não! Já sei! Pareces eu a espera do teste de gravidez.

Carla: Mamã! (Sorri)

Mãe De Carla: Está bom, já parei.

Carla: Amém! Mamã.

Mãe De Marta: Queres ligar para alguém né?

Carla: Sim.

Mãe De Carla: Não liga então por quê?

Carla: Estou a ganhar coramgem.

Mãe De Carla: Esta foi boa! Hahaha!

Carla: Não ri mãe. (Sorri de volta)

Mãe De Carla: Apenas ligue.

Carla: Não sei o que falar a seguir.

Mãe De Carla: Descobrirás quando ele atender.

Carla: Como sabes que é um rapaz?

Mãe De Carla: Oh! Você estaria agitada se não fosse por um rapaz?

Carla: Nunca se sabe. (Sorri)

Mãe De Carla: Ganha juízo minha filha, já vivi muito. (Sorri)

Carla: Mamão!

Mãe De Carla: Não se preocupa, vou te deixar sozinha. Liga no moço, eu vou ao mercado fazer meus apanhados de compras.

A mãe se levanta e sai de cena, Carla digita o número no telefone e faz a chamada que tanto esperava.

Carla: Alô! Boa tarde sim. É possível falar com o Marcos? (Pausa) sim, sou eu mesma. (Pausa) O quê? (Mãos trémulas) não! Não diz isso! (Pausa, mão trémula) não é verdade! O Marcos não morreu! (Larga o telefone)

Senta na cadeira e começa a chorar.

CENA 2

Vê-se um caixão aberto com Marcos dentro dele. Mãe De Marcos, Marta, alguns figurantes, Mãe De Carla, Pai De Carla e Carla. Todos vestidos de roupas cor preta. Alguns figurantes choram baixo, de forma a não soar muito alto.

Mãe De Carla: Sinto muito pelo teu filho, senhora.

Mãe De Marcos: Muito obrigado.

Pai De Carla: Não chegamos a conhecer ele, mas nossa filha havia mudado depois de lhe ter conhecido. De certeza que foi um rapaz muito especial.

Mãe De Marcos: Ele foi! (Choros) muito especial, ele não queria morrer! (Choros)

Mãe De Carla: A vida é mesmo assim! (Coloca a mão nos ombros da mãe de Marcos) esse é o nosso destino.

Mãe De Marcos: Muito Obrigado.

Mãe e o Pai da Carla se afastam do espaço aglomerado e se isolam.

Pai De Carla: Estás a ver a dor desta mãe?

Mãe De Carla: Parece horrível demais isso! Estou até com medo.

Pai De Carla: Imagina se fosse conosco!

Mãe De Carla: Nem me fças pensar nisso!

Pai De Carla: Está bem, me desculpa.

Mãe De Carla: Já passamos por muito.

Pai De Carla: Eu sei, se não queremos que isto aconteça com a nossa filha, se não queres saber como é a dor que esta mãe sente, então vamos prestar mais atenção a nossa filha.

Mãe De Carla: Nós prestamos.

Pai De Carla: Então vamos prestar a dobrar.

Carla se aproxima dos dois, enquanto eles conversam e interrompe a conversa.

Carla: Vou pra casa. (Triste)

Mãe De Carla: Mas não fizemos nem trinta minutos aqui.

Carla: Fiquem por mim, por favor. Eu não consigo ficar aqui nem mais um minuto a olhar para ele nesse caixão.

Pai De Carla: Tens razão, vou levar-te para casa.

Carla: Não pai. Eu preciso de vocês aqui, a mãe dele vai precisar de muito apoio.

Mãe De Carla: Mas não podemos deixar você sozinha.

Carla: Me ajudariam muito se ficassem, assim eu estaria mais descansada.

Mãe De Carla: Está bem, filha.

Pai De Carla: Está bem, filha.

Carla sai de cena...

CENA 3

Vê-se uma mesa, duas cadeiras e Carla sentada em uma delas. Choros dominam o cenário, em sua mão direita o comprimido. Em sua mão esquerda um copo com água.

Carla: Desde que me lembro, a vida só tem batido em mim. Bateu tão forte que o soco dos homens virou massagem! (Choros) quando vejo uma luz no fim do túnel, essa luz some logo! (Choros) eu só queria que essa luz permanecesse durante um bom tempo nesta coisa inútil que eu chamo de vida! (Choros) por que insistir neste lugar que só me proporciona sofrimento? Meus traumas só se estão a acumular. Daqui a pouco nem conseguirei andar de tanto peso que os meus karmas me proporcionam. (Ergue a lâmina de comprimido) Eu vou tomar estes remédios todos e acabar com tudo de uma vez, espero finalmente encontrar a paz que procuro.

Marta: Com licença! (Gritar ao entrar na cena)

Carla: Sim! (Limpa as lágrimas rápido mas não larga os comprimidos)

Marta: Saiste da minha casa e eu nem havida dado conta.

Carla: Queria ficar um pouco sozinha.

Marta: Entendo.

Carla: Meus pais ainda estão lá?

Marta: Sim, ainda estão.

Carla: Com quem vieste?

Marta: Eu vim sozinha. Precisava cumprir um último desejo de um certo alguém.

Carla: Como assim?

Marta: Antes de Marcos falecer, ele me deu algo. (Coloca as mãos no bolso e tira um envelope.

Carla: O que é isso?

Marta: Eu não sei. Eu apenas sei que ele queria que isso chegasse até você.

Carla: Isso é sério?

Marta: Eu não brincaria com algo assim.

Carla: O que será que tem aí dentro?

Marta: Descubra! (Entrega o envelope)

Carla: Obrigado!

Marta: Vou deixar você sozinha: (Marta sai de cena)

Carla abre o envelope ainda com a lâmina dos comprimidos em sua mão direita. Tira a carta dentro do envelope e começa a ler em voz alta.

Carla: Olá! Carla. Infelizmente não tenho o tempo que quis ter, o futuro está a conspirar contra mim. Sei que nos conhecemos em tão pouco tempo, mas eu pude ver a pessoa incrível que és. Não sei o que aconteceu no teu passado e como já disse eu não quero saber. Eu quero que tu olhes para o futuro e te agarres a ele. O passado é uma memória, apaga ele. Corta o fio que te faz lembrar dele. Eu sei que é difícil. Eu sei! Já agora a minha letra é muito péssima isso eu também sei! (Sorriso em meio o pequeno choro) Eu sei que será difícil viveres por ti, então vamos fazer assim... sabe aquelas todas flores do futuro que eu falei para você? As flores que eu tanto queria? Então... Elas agora se resumem à você. Tu és o que mais quero no meu futuro, por isso você precisa ficar viva! Porque se as flores do meu futuro ainda estiverem vivas, então a morte será uma utopia pra mim pois eu estarei vivo... Só para finalizar, diga a minha mãe que eu entendo que a vida é uma escola, mas a minha turma era triste então eu preferi faltar as aulas e viver feliz no recreio.

Carla chora, limpa as lágrimas, em seguida embrulha a carta com cuidado e devolve ela ao envelope. Pega no remédio, olha para ele e joga-o fora.

Em seguida a cortina fecha.

FIM